

## Existe Neutralidade na Técnica?

Maria do Socorro da Silva<sup>1</sup>

Durante o primeiro semestre de 2009, em função de minha pesquisa de Mestrado sobre o uso e ocupação da zona costeira, fiz algumas visitas às praias do litoral pernambucano. Entre inúmeras construções, antigas e modernas, na Praia de Boa Viagem eu detive a minha atenção na obra de Oscar Niemeyer, o Parque Boa Viagem, ou melhor, o polêmico Parque Dona Lindu. Relembrei as críticas de alguns Parlamentares ao alto custo da obra e as defesas pautadas nos atrativos turísticos.

Pouco conformada com as opiniões veiculadas pela mídia, decidi perguntar a um ex-líder comunitário o porquê da rejeição que o Parque sofreu por parte dos moradores.

Ainda revoltado com a irreversível decisão municipal, ele alegou que o Bairro foi invadido pelo concreto dos arranha-céus permitidos pela municipalidade quando carece de espaços verdes. Disse ainda que os moradores lutaram muito para ser instalado um parque e não uma obra arquitetônica daquele porte com mais concreto e pouco verde. Além disso, foram mais de 28 milhões gastos na obra e mais de 28 milhões para a reforma do calçadão da praia, afirmou.

Niemeyer conseguiu expressar com sua arte a criatividade e o saber, a melhor técnica e, no entendimento do artista e também dos gestores públicos, a prudência em nome da sustentabilidade. O que seria daquele local hoje se nada ali existisse? Claro que novos prédios seriam implantados e a comunidade subjugada por novos empreendimentos imobiliários, ponderariam.

Mas quais as exclusões com a escolha desse caminho?

Responderia que a opção avexada dos gestores ignorou os profissionais afetivamente envolvidos com a cidade, o alto custo de manutenção, a rejeição dos moradores, a estranheza que ela causa, o difícil discurso daqui em diante de sustentabilidade ambiental

e a substituição dos elementos naturais por um componente que nem laços mantém com a cultura local.

Essa polêmica reporta-me ao artigo de Pelizzoli, Marcelo intitulado “Saúde e Mudança de Paradigma – Desafios da Medicina Tecnológica e da Cura Natural”, publicado no livro “O Ponto de Mutação na Saúde”, Pelizzoli, Marcelo (org.), pela Editora Universitária – UFPE neste ano de 2009. O texto traz uma reflexão sobre as técnicas modernas de inspiração cartesiana aplicadas à saúde humana.

Pois bem, assim Pelizzoli (2009) inicia o seu discurso:

*“Na discussão em torno do humano e da técnica, nunca podemos esquecer que não existe neutralidade na técnica, e menos ainda na tecnologia, como se tratássemos de algo isolado, tal como um aparelho em funcionamento indiferente aos seus usuários e ao contexto. Isso não é assim, pois o uso de tecnologias implica caminhos escolhidos e validados, em detrimentos de muitos outros, e tal fator gera impactos, sejam positivos ou negativos; igualmente, uma determinada escolha faz sair de cena outras variáveis e possibilidades vitais que outras técnicas ou outros instrumentos (e mesmo para além dos aparelhos) podem implementar [...] A questão é: qual técnica? Quais suas implicações? O quanto ela responde aos anseios do indivíduo e está adequada aos processos vitais? Como ela se relaciona com a cultura local, o contexto e a sua história?”*

Respondo, com os mesmos argumentos explícitos pelo autor, que o corpo é o ambiente; a técnica, a substituição artificial de elementos naturais por refinados argumentos de qualidade de vida e de status.

Se não esse, a certeza que o novo desperta a curiosidade por ser moderno (uma atrativo turístico, um cartão postal) e referenciado pela história sob o olhar da cultura dominante. A manutenção, o dividir para dominar; se estranho ao meio, mais intervenções serão feitas com a certeza que caberá aos mesmos consertar as peças, não como operário, mas como proprietário da tecnologia e do saber.

E assim, retomando o que já foi dito, o dividir para dominar se recobre de novos significados: a construção de um monumento de um renomado Arquiteto, quem sabe mais adiante tombado, é a opção “lúcida” pelo

<sup>1</sup> Bióloga. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco. mssilva@ufpe.br

moderno, por uma indústria não da “saúde” porque nesse contexto é a massificação cultural que prevalece.

O ambiente está doente. Ele, assim como um corpo fragmentado, cujas peças podem ser manipuladas e substituídas para que sejam corrigidas as imperfeições da natureza.

Pelizzoli (2009), ao reportasse às medicinas, afirma que

*“A prática de (re)conduzir saúde em contínuos momentos da histórico de vida do indivíduo e seus desafios, sempre estiveram intrinsecamente ligadas e dependentes de alguns fatores essenciais da vida ambiental-social: simbólicos (religiosos, ritualísticos, iniciáticos, celebrativos...), dietéticos (alimentos e medicinas adequadas), emocionais e comunitários.”*

Como lidar com o ambiente numa perspectiva sociológica e não só meramente biológica, cuidando dos mesmos aspectos que permeiam a vida humana?

Voltando ao polêmico Parque e explorando os ensinamentos de saúde em Pelizzoli (2009), uma mudança de paradigma certamente induziria o mesmo processo determinado pela Revolução Científica nos moldes previstos por Bacon, mas no sentido

oposto, isto é, a contemplação de valores e tradições em todos os aspectos da vida.

Se o paradigma estabelecido fosse outro, quem sabe também o Parque Dona Lindu não fosse considerado a pior alternativa a partir de então, devido a todos os impactos que causará ao ambiente e às relações harmônicas estabelecidas em sociedade, considerando uma sociedade equilibrada, distante desta que está estabelecida onde avulta a crise ambiental com a propagada escassez das fontes sustentáveis da economia vigente.

Aqui não estou defendendo a concepção elitista de alguns moradores que lançaram o olhar para aspectos que não são tão conflitantes assim com o olhar dos idealizadores da obra: valorar alguns locais e populações por acreditarem terem méritos a mais e serem privilegiados economicamente e que esses advêm de um plano divino excludente, quem sabe!

Mas, a quem interessa o modelo tecnológico, cartesiano, da abordagem da doença? E a quem interessa o Parque?!

Os interesses da primeira questão são meramente econômicos capitalistas, que não

visam apenas a inovação, o avanço e o que é bom, mas a quem se destina, a qual custo e com quais exclusões por ser um modelo que não atende a todos, mesmo que se arme de argumentos populistas para convencer e dominar; ao segundo, as mesmas respostas.

A aceitação da obra passou pelo direito de todos ao litoral (e porque não?), a possibilidade de colocar mais verde no concreto - e como está o ambiente como um todo? - e atrair turistas, dentre tantas alegações. Com mais concreto é resolvido um problema pontual e, sem a visão sistêmica necessária, o problema será agravado pela sobrecarga imposta ao ambiente quando o Parque Boa Viagem estiver em pleno funcionamento.

Os moradores revoltados até música fizeram contra o Parque, mas não vale a pena transcrevê-la à medida que ela apenas expressa a fragilidade da relação com o outro, o que mereceria uma reflexão à parte. Eles ficaram desorientados com a estranha figura circular que bem remete à linguagem geométrica da natureza percebida por Galileu Galilei.

Os gestores reconheceram a genialidade do artista. O artista reconhece em suas obras a expressão de sua cultura, como afirmou ao site português NetParque (2001): *“Tenho de desenhar o que me agrada de um modo que seja natural relacionado com as minhas raízes e o meu país de origem”*.

A autora da matéria Cláudia Galhos discorre sobre as suas obras: “formas sensuais, circulares, curvas de imaginação inspiradas no povo que vive a música e a dança no corpo, traços de um Brasil que Niemeyer tão bem conhece”. Mas os moradores não a concebem como o artista.

Estariam todas as expressões numa só arte? O Recife não seria multicultural? Onde estariam as cores, o frevo e o macaratu cantados por Alceu Valença na divulgação institucional?

Apesar de todas as críticas destinadas à René Descartes, retomo em seu Discurso do Método uma afirmação que, certamente, bem se aplica aos fatos ao perceber que eles extrapolam a defesa desta ação complexa e pouco compreensível em seus propósitos, cujo floreio pouco convence aos espíritos poéticos:

*“Eu estimava muito a eloquência e estava apaixonado pela poesia; mas acreditava que uma e outra fossem dons do espírito, mais do que frutos do estudo. Aqueles cujo raciocínio é mais ativo e que melhor*

*ordenam seus pensamentos, com o intuito de torná-los claros e inteligíveis, sempre podem convencer melhor os outros daquilo que propõem, mesmo que falem somente o baixo bretão e nunca hajam aprendido retórica. E aqueles cujas invenções são mais agradáveis e que as sabem apresentar com o máximo de floreio e suavidade não deixariam de ser os melhores poetas, mesmo que a arte poética lhes fosse desconhecida”.*

Niemeyer traz com sua técnica um olhar corretivo às mazelas do ambiente descaracterizado, extraí o problema e incorpora o medicamento mais potente e de melhor aceitação. O problema instalado no ambiente é sinônimo de nada, nesses parâmetros.

Como defende Pelizzoli (2009), as doenças são sintomas,

*“Sintomas de algo encoberto; este algo tem a ver, desde que o mundo é mundo, com desequilíbrios biopsicossociais e simbólicos (cheios de sentido), ou seja, diretamente relacionados ao modo de relacionamento do sujeito com a natureza (águas, temperatura, dietas, respiração, movimento do corpo, etc.), com os outros (interações, emoção, casamento...), a comunidade, consigo mesmo (valores pessoais) e com Deus (deuses, elementos espirituais de sentido...)”.*

E entendo que, assim como as doenças são para o corpo, os problemas ambientais são sintomas dos desequilíbrios provocados pelo modo como o ser humano interage com a natureza, com os outros e consigo mesmo. Às vezes, ocorre o inverso: a natureza é culpabilizada pelas mazelas humanas da mesma forma que se culpa um ente divino ou o acaso que nos aproxima da sorte ou do azar.

Explorando um pouco mais a validação ou não das técnicas e dos métodos não cartesianos, lembramos a exclusão do saber-fazer criativo (da *techne*, da *poiesis* e da *fronesis*), pelas tecnologias modernas, o que nos remete a René Descartes, mais uma vez, em seu Discurso do Método: “Quando somos excessivamente curiosos das coisas que se realizavam nos séculos passados, ficamos [...] muito ignorantes das que se realizam no presente”. Dito em função da leitura dos livros antigos, das histórias e das fábulas.

Em tese, contrariando Descartes, olhamos o presente na perspectiva de mudarmos tanto o presente quanto o futuro. Como propõe Pelizzoli (2009), voltamos ao

passado e ao tradicional (termo que sugere que não há mais a prova autêntica de sua transmissão), às técnicas não convencionais e não validadas pela ciência para a “cura” das doenças.

Destaca as operações mediúnicas e o porquê delas não serem válidas. A resposta está no próprio artigo: “*Justamente porque nosso modelo epistemológico e mercadológico reinante tende a impedir que consideremos como válidas intervenções de outra ordem que a cartesiana ou materialista*”.

Funcionando para uns (ou para muitos), por que é invalidada como técnica se a mesma independente de atributos espirituais ou de qualquer outra ordem de percepção para que sejam exitosas? Por que só é válida se os procedimentos puderem ser repetidos passo a passo? Por que é necessário que as curas sejam 100% atestadas para serem técnicas válidas?

A medicina moderna também falha e os medicamentos não servem indistintamente (nem os alimentos). Por que ela não pode falhar sem ser considerada uma fraude?

Exageramos na profilaxia e para isso investimos na assepsia. Nem combatemos as doenças de modo eficaz e nem podemos nos isolar permanentemente do mundo como ele é. Cuidados exagerados levam muitas vezes a doenças mais sofisticadas.

O Sistema de Saúde Público (SUS) é um exemplo claro da forma imediatista como lidamos com a saúde. Às vezes procedimentos simples (de fácil entendimento e acesso) são os mais eficazes e a paciência necessária para que o organismo integralmente reequilibre-se.

A visão que perpassa pela propaganda institucional sobre o SUS nem de longe se aproxima da realidade dos hospitais e dos postos públicos: reafirma o paradigma vigente que se volta para as doenças e seus tratamentos.

Ainda esta semana, vi pela TV que os médicos de Maceió entraram em greve por melhores salários. A reportagem fez uma comparação entre os valores que os médicos recebem pelo SUS e os valores praticados pelos planos de saúde. A preocupação dos entrevistados (gestores) recaiu sobre a sustentabilidade econômica de cada sistema e principalmente sobre a sofisticação das tecnologias, um atrativo a mais para os “clientes”!

Quantos, ao assinarem um contrato com um plano de saúde, não ficam

satisfeitíssimos com os hospitais modernos e procedimentos cirúrgicos que chegarão a fazer, mesmo que não apresentem sintomas ou tenham diagnóstico de alguma doença grave?

Acrescento a essa discussão uma visão ou cosmovisão que considero preocupante, afinal não queremos nos enganar. Li um texto de Michaela Glöckler onde a mesma anuncia um novo paradigma de saúde: a salutogênese, que estuda as origens da saúde física, anímica e espiritual.

A escassez dos recursos financeiros e a continuação do sistema de saúde capitalista, as principais motivações. Reafirmando idéias novas em saúde, mas conduzidas por estruturas velhas, quando afirma que

*“A explosão dos custos na saúde e as consequentes dificuldades financeiras, criaram, no entanto, a nível internacional, uma abertura para o conceito de salutogênese. [...] A estabilidade econômica depende da saúde de um número suficiente de pessoas saudáveis. Por esta razão também a esfera econômica se mostra interessada no conceito de salutogênese. [...] Cento e vinte países já ratificaram o acordo e estão prontos a entregar os serviços sociais nas mãos da economia privada. [...] Devido à explosão dos custos na saúde, estamos hoje lado a lado com as esferas da política e da economia, para promover, tanto quanto possível, a saúde do homem”.*

Os princípios da salutogênese ou as forças que permitem a estabilidade após adversidade estão assentados em pesquisas que revelam que a relação com o divino, com um ou com poucas pessoas e uma boa conta bancária, são suficientes para que o indivíduo vença as adversidades! Questionáveis e conflitantes.

Com a Salutogênese, valores humanos fortemente influenciados pelo individualismo (o indivíduo é um propagador de novos entes sadios, um multiplicador útil), a manutenção do sistema econômico e fortemente influenciado por corporações “enlouquecidas” com a possibilidade de pegar uma fatia do mercado (demanda psico-social) e, por último, a segurança financeira pessoal (nem de longe é cogitado que esse terceiro fundamento não é socializado por todos).

É preocupante, no meu ponto de vista, que, como afirma Botsaris, que as técnicas da medicina chinesa, ayurvédica, osteopatia, naturopatia, yoga, medicina tibetana e

homeopatia estejam relacionadas às técnicas da salutogênese. E os seus fundamentos são os mesmos? Acredito que não! E argumenta que

*“Sem dúvida as medicinas tradicionais e técnicas complementares de saúde poderão ajudar muito a ampliar a salutogênese, promovendo bem-estar, estimulando a coerência do indivíduo consigo mesmo, e reforçando seus valores fundamentais”.*

Outras técnicas aceitáveis, infelizmente, excluem a relação médico e paciente e procuram confirmar que a funcionalidade do corpo e a busca do seu equilíbrio decorrem mais da inter-relação do indivíduo com ele mesmo, ou melhor, independentem dele mesmo e sim de áreas específicas do organismo isoladas de fatores de ordem emocional, afetiva ou de um conjunto de necessidades intrínsecas ao ser humano como a alimentação, o lazer, o ambiente saudável e ao acesso equilibrado aos elementos que permitam a vida no planeta como a água, por exemplo. Nada disso tem importância, afinal há quem diga que se a água potável se extinguir, por meios científicos (tecnológicos) nós vamos produzir água também.

Essa discussão sobre o que é válido ou não, lembra-me mais uma vez o cenário que encontrei nas praias de Boa Viagem, Recife, Pernambuco e também de Bairro Novo, Olinda, Pernambuco. Obras chamadas de enrocamento aderente e diques foram projetados para conter o avanço do mar. As medidas adotadas resolverem os problemas delas, pontualmente, mas provocaram outros problemas mais adiante ou bem mais distante do que se imagina. Foram assessoradas por pesquisadores? Sim. Eles tinham uma visão global, sistêmica? Talvez.

As técnicas buscam o domínio da natureza, sem dúvida, estejam aplicadas à saúde ou ao ambiente ou nesse em particular (praia) entre tantos que contemplamos.

Nas cidades, as praias são pequenos refúgios para o contato com o ambiente natural, ora tomado pelos mares, ora descoberto como uma trégua. A cidade avançou para o mar e não vem permitindo que o jogo continue: a praia ficou cinzenta. Nem sei mais se algumas espécies ainda se aventuram a habitar as areias da praia. Os tubarões desorientados “perturbam” os humanos. Colocaram mais coqueiros para parecer praia e as tartarugas marinhas decidiram desovar no pouquinho de areia que

se acumula (não se sabe até quando) numa praia daqui ou mais adiante. Os técnicos dizem que tem um pouquinho mais de areia nas praias de Jaboatão dos Guararapes, Recife e Olinda, isto é, na mesma praia, um pouquinho aqui, outro ali.

É uma adaptação à técnica (não da natureza). Obras de engenharia que deveriam dar certo. Aceitáveis no tempo que foram feitas e que ampliaram os problemas em outras zonas costeiras. O custo de manutenção é altíssimo, considerando ainda o empenho diário do poder público em vigiá-las porque as técnicas válidas, modernas, são asseguradas sem maiores questionamentos. Há quem diga que foram soluções não científicas! Só porque não deram certo?

O ambiente, um corpo que continua doente. A natureza, uma serva. Parece-me que no entendimento científico há algo camuflado, não revelado ao ser humano, enquanto as leis conhecidas induzem tecnologias que excluem a nossa criatividade porque cada “peça” de nossas necessidades encontra-se à venda num supermercado ou numa loja. Alguém mais qualificado já alcançou a solução antes de nós.

Como defende Prigogine (1979) apud FRÓIS (2004, p. 6), a ciência moderna está sendo *“contra a natureza, pois nega a complexidade e o devir do mundo em nome de um mundo cognoscível e eterno, ditado por um pequeno número de leis simplistas e imutáveis”*.

A situação da saúde e do ambiente remete-me mais uma vez a FRÓIS (2004, p. 6) quando explica a idéia central da Teoria do Caos de Henri Poincaré:

*“Pequenas alterações nas condições iniciais de um sistema podem provocar mudanças drásticas nesse sistema, seja no clima de uma região, no movimento da bolsa de valores ou na explosão inflacionária, na população de pássaros de um ecossistema, na erupção de um vulcão ou no ritmo dos batimentos cardíacos.”*

As intervenções sempre causarão mudanças drásticas, conluo. Neste sentido, quais as mudanças que as obras de engenharia nas praias causaram e podem estar causando?

E na saúde, quais as implicações das múltiplas percepções e paradigmas? Se não há uma resposta precisa, entendo ser fundamental a compreensão e o respeito às crenças e as múltiplas escolhas que vem com o indivíduo.

A questão no meu entendimento está aí: quem primeiro lida com a doença é o próprio doente. Independente de termos ou não a aceitação comprobatória de que essa ou aquela técnica, tradicional ou moderna, é mais adequada, inúmeras são as pessoas que recorrem primeiro ao um tratamento dito alternativo: um chá, uma mudança na dieta, a retirada dos excessos, o caminho espiritual, etc.

E o que falta para que possamos ter mais saúde? Eu diria que é fundamental acrescentar mais líquidos a nossa dieta (água, principalmente), retirar alimentos de pouco valor nutricional e cuidar com carinho da nossa existência. E com o mesmo olhar, podemos cuidar do ambiente: tratando dos nossos mananciais, reerguendo naturalmente os ecossistemas e voltando a reverenciar todos os elementos e componentes de nosso lar planetário.

Voltando à caminhada que fiz pela praia, vi os resíduos que produzimos e implantamos em suas areias: pontinhas de cigarro, tampinhas de garrafa, pratinhos de papelão, copinhos, canudinhos. Algum tempo depois, são retirados os excessos. A limpeza pública cuida para que os banhistas voltem para as areais limpas da praia no dia seguinte. E no dia seguinte, os mesmos vendedores com os mesmos produtos, os mesmos banhistas e os mesmos hábitos. Tudo volta ao que era antes.

Com a saúde física não é diferente: a medicina criou bancos de órgãos para repor os que ficarem “defeituosos”. Nesse sentido não lidam com os aspectos energéticos ou nem só no nível molecular. Não é mais um medicamento. A substituição de “peças” requer profissionais qualificados, habilidosos e máquinas que respirem pelo paciente e irriguem o corpo inerte. É preciso morrer um pouco para ficar sadio. Após a ressurreição, a “máquina” volta gradativamente a funcionar e as dietas, uma prescrição habitual. Se alguma outra parte foi atingida, o tempo dirá.

Cigarros, refrigerantes, salgadinhos, uma alimentação à base de lipídeos, carboidratos, etc., e tudo volta ao que era antes porque não há mudanças de atitude e comportamento, a qual não se gasta muito tempo com isso. Em quaisquer aspectos, resolvemos as emergências quando ainda são possíveis.

A neutralidade, se existir, não está na técnica. Mas, se a deixássemos à mercê de fatores múltiplos e analisássemos quais impulsionam interesses científicos duvidosos que levam ao desmantelamento da saúde ou das questões ambientais, sem dúvida, o fator econômico preponderaria.

A não aceitação da medicina não convencional que não visa lucro é de natureza econômica porque o que é bom, no viés capitalista, “transforma” a vida de quem o pratica, financeiramente.

Os exemplos são inúmeros e só com uma transformação no sistema econômico, que revolucione as relações sociais, é que, de fato, teremos os múltiplos olhares sobre a doença, sobre a saúde e sobre o ambiente respeitados profundamente e técnicas arraigadas ao novo paradigma, como defende Pelizzoli (2009).

### Referências

- BOTSARIS, A. **Salutogênese: Você sabe o que é?** – Medicina antroposófica é a que mais se identifica com o conceito de salutogênese. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/vyaestelar/salutogênese.htm>>. Acesso em: 21.mai.2009.
- DESCARTES, R. **Discurso do Método.** Tradução: Enrico Corvisieri. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/discurso.pdf>>. Acesso em: 21.mai.2009.
- FRÓIS, K. P. **Uma Breve História do Fim das Certezas ou o Paradoxo de Janus.** Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~dich/TextoCaderno63.pdf>>. Acesso em: 21.mai.2009
- GLÖCKLER, M. **Salutogênese.** Tradução Fritz Wessling. Disponível em: <[http://sementedefuturo.edvdigital.pt/sem\\_comose\\_salut.html](http://sementedefuturo.edvdigital.pt/sem_comose_salut.html)>. Acesso em: 21.mai.2009.
- NIEMEYER, O. Oscar Niemeyer: Arquitecto da Sensualidade Deixa Marcas em Portugal. Artes visuais. **NetParque,** Portugal, 05.jun.2001. Entrevista concedida a Claudia Galhos. Disponível em: <<http://www.netparque.pt/NPShowStory.asp?id=265333>>. Acesso em: 21.mai.2009.
- PELIZZOLI, M. Saúde e Mudança de Paradigma – Desafios da Medicina Tecnológica e da Cura Natural. In: \_\_\_\_\_ (org.). **O Ponto de Mutação na Saúde.** Recife: Editora Universitária (UFPE), 2009.
- \_\_\_\_\_. **Da Utopia Tecnocêntrica à Utopia Ecológica.** Revista Gaia Scientia, v. 2, p. 14-29, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/gaia/article/viewFile/2314/2037>>. Acesso em: 21.mai.2009.
- UNESCO. **Declaração de Veneza.** 1986. Disponível em: <[http://www.ufrrj.br/leptrans/link/Arquivo\\_12\\_Declaracao\\_Veneza\\_1986.doc](http://www.ufrrj.br/leptrans/link/Arquivo_12_Declaracao_Veneza_1986.doc)>. Acesso em: 21.mai.2009.